

AS INDÚSTRIAS NO PORTO NOS FINAIS DO SÉCULO XVIII

AURÉLIO OLIVEIRA

O Porto e a sua História tem sido essencialmente a História do Comércio dos Vinhos. Cresceu e desenvolveu-se sob esse signo mormente – segundo soi dizer-se – desde os inícios do Século XVIII, embora a meados do Século XVII – como por vez primeira o referimos – o seu trato tenha catalizado o grande comércio na cidade e a sua produção nas zonas do *hinterland* duriense se tenha transformado já numa quase monocultura ocupando de forma extensiva as terras e as gentes em largos tratos do interior do Vale, com a saída de vinhos pelo Porto já preparados e «calibrados», «para interessarem mais» durante a primeira metade de Seiscentos. Muito antes, pois, que os ingleses os tivessem «descoberto» nos princípios do Século XVIII ¹.

O Século XIX viu o apogeu desse comércio emprestando, então, toda a grandeza monumental à Cidade tal como hoje a conhecemos. Veria também o mesmo Século XIX um certo esmorecimento dessa grandeza quando as pragas e a filoxera entraram a comer a maior parte das vinhas nas terras vinhateiras do Vale.

Estão por estudar – creio – os efeitos deste fenómeno nos restantes sectores da actividade económica do Porto ² para além das terras do interior do Vale onde, como se sabe, uma das respostas conhecidas foi a introdução da experiência do tabaco seguido das difíceis tarefas da replantação. Mas se é certo que resta por estudar o verdadeiro impacto desse fenómeno, certo é também que os inícios do Século XIX necessitarão de igual estudo e melhor conhecimento. A História do Porto é muito mais que a História dos seus Vinhos. É também a História das suas manufacturas e das suas indústrias substituindo ou caminhando de par com os tradicionais mesteres ³.

Para além do pano de fundo global – por quase todos referenciado como verdade universal não só para o Porto como para o conjunto do todo nacional – é o surto e o bom momento das manufacturas e indústrias nacionais e da agricultura mais ou menos coincidentes com o Reinado de D. Maria e o seu colapso verificado com e no rasto imediato das Invasões Francesas ⁴. Um (breve) hiato de crise que se terá mantido até 1814-1815. Verificar-se-ia pouco depois e até cerca de 1822 um arranque continuando a crescer de modo notável – deve dizer-se – de 1826 a 1834.

Neste conjunto e na panorâmica global desta situação e desta última fase, o Porto parece ter assumido um lugar pioneiro e de destaque: Até 1830, pelo menos, parece ter gozado de uma posição cimeira. Segundo Joel Serrão o Porto encontra-se, por então, à frente do esforço de industrialização portuguesa. Só a partir de 1842 a situação se desequilibra a favor de Lisboa roubando a supremacia dessa situação e desse esforço ao Porto. Diz-se uma indústria na sua quase totalidade oitocentista - sublinha o mesmo autor. Uma indústria jovem e próspera. Quer dizer: 1826 parece marcar o ponto essencial desse arranque e marcar as verdadeiras raízes do surto manufactureiro portuense ⁵. Mas será apenas uma indústria oitocentista?

Creio que este processo das raízes industriais do Porto Contemporâneo está ainda, de facto, por conhecer-se na sua devida extensão. E, na verdade, não cremos que esse arranque tenha partido, do zero. Urge, por isso conhecer a situação anterior buscando as raízes e as possíveis razões de situação tão lisonjeira logo nos inícios do Século XIX.

É que, na verdade também, a nossa indústria oitocentista radica, na sua esmagadora maioria, nas tradições de setecentos e sobre constantes estruturais que as condicionaram: transformação das pequenas oficinas dos mesteres, passagem destas a manufacturas para culminarem nas «Fabricas» propriamente ditas do século XIX. Vivendo de par e sempre condicionadas pela presença ou não das matérias-primas e pela forte concorrência estrangeira principalmente inglesa. As necessidades de escoamento dos manufacturados obrigou muitas delas a terem de se implantar sobre o litoral procurando por esse modo os caminhos mais fáceis de saída como também o aprovisionamento igualmente mais fácil de muitas das matérias-primas de que algumas necessitavam. Viveriam ainda (nasceriam e se desenvolveriam quase todas a montante ou a espaldas do sector comercial. O nosso «industrial» do Século XVIII como ainda na esmagadora maioria pelo Século XIX seria essencial e principalmente comerciante).

Esta realidade e esta filiação em tradições mestreiras anteriores era tão evidente e tão forte ainda a meados do Século XIX que nem os teóricos mais generosos lhe podiam dar volta: Sublinha-o de modo lapidário Oliveira Martins – que bem conhecia também essa realidade da indústria nacional: «Como seria, porém, de outro modo se eles os professores doutorados, resolveram do alto das suas cadeiras que indústria são grandes fabricas; que as pequenas indústrias estão condenadas; sem se lembrarem que as grandes fabricas nascem das pequenas oficinas e que mais de uma metalurgia colossal de hoje era ontem uma loja de ferreiro»⁶.

Uma poderosa e importante burguesia mercantil que se criara e desenvolvera no Porto haveria de ter as suas consequências no que respeita ao desenvolvimento e comportamento deste sector, tal como a natural transformação dos mesteres que vinham de tempos anteriores e que desde cedo alimentavam o comércio local e também alguma exportação.

Teremos, pois, de vir a conhecer forçosamente essa realidade imediatamente anterior a esse notável surto dos inícios do Século XIX. Período esse que sob este ponto de vista continua a pedir um maior conhecimento e ponderação⁷.

Os finais do Século de modo algum podem ser tomados e olhados em bloco – sem mais. Assim a esse período algo indefinido – que se prolonga pelos primeiros anos de Oitocentos – haverá que apor algumas balizas a fim de se obter precisão cronológica dentro de uma perspectiva dinâmica e diacrónica que vá além da simples contagem – e quando esta for possível. Há, sobretudo, que perscrutar movimentos. A delimitação possível, sem dúvida, em ordem a se poder saber com mais rigor se a dita «prosperidade industrial» poderá ser tomada na sua globalidade para todo esse período, na verdade, cronologicamente indefinido. Não será mais conveniente determinar evolução e comportamentos que porventura possam delimitar etapas mais precisas para estas actividades? Definição cronológica que deve ser alargada a outros sectores cujo comportamento e evolução podem nem sequer ser sincrónicos.

Delimitação, outrossim, de carácter geográfico a fim de que se possa saber se com propriedade e com fundamento se poderá generalizar de situações particulares e pontuais para traçar quadros globais que abarquem todo o quadro

nacional ou se, de contrário, detectados e estudados se deverão antes manter como tal, insuficientes, afinal, quer pela sua irradiação quer pelo seu volume e influxo para definir e caracterizar o todo nacional.

Deixa-se de parte uma questão fundamental e importante qual seja a de saber e a de determinar a real importância de uma produção industrial interna – diríamos provinciana – que sempre existiu, por vezes com assinalada vitalidade, antes do terceiro quarto do Século XVIII – altura em que se instala, de facto, no País, uma nova dinâmica no que à actividade industrial concerne. E o mesmo poderíamos dizer também para o Século XVII.

Na verdade, antes das duas grandes tentativas de industrialização (a do Conde de Ericeira e a do Marquês de Pombal) o País não andava desertificado destas actividades como algumas vezes se poderá ser levado a pensar. Existia, uma produção interna mesteiral e artesanal, diversificada de região para região. Essencialmente voltada para o mercado local – às vezes regional. É indubitável que estas actividades e esta situação, quer pela sua importância quer pelas tradições criadas tiveram a sua relevância, incluso, numa diversificação regional criando uma geografia industrial própria sem dúvida mais próxima dos recursos disponíveis (sobretudo matéria prima). Firmou tradições locais que depois se perpetuaram vindo a constituir núcleos mais definidos e de certo vulto nos tempos posteriores. Alguns desses núcleos ganhariam importância e viriam a espalhar os seus produtos pelos vários mercados do País e mesmo a alimentar alguma exportação. Sempre, porém, com enormes dificuldades face a poderosa e privilegiada concorrência externa ⁸ e face a hábitos de consumo que essa presença vinda do exterior criara e que deixava os produtos nacionais em franca desvantagem ⁹.

Antes que outros o tivessem feito, Fortunato de Almeida foi dos primeiros a chamar a devida atenção sublinhando a importância de semelhante realidade ¹⁰.

Para além de tudo isso persistirá a questão de saber e de se verificar com rigor se tal situação era a suficiente e se estava em condições objectivas de fazer face às crescentes necessidades de consumo seja em perfeição seja em quantidade voltada aos mercados internos e externos. Não restará dúvida, porém, de que a celebração de convénios facilitando a já forte concorrência externa armada de favores comerciais e privilégios (neste caso particularmente à Inglaterra) lhes cortou toda a possibilidade de persistirem e se desenvolverem. Concorrências que sufocando a produção nacional deram azo a uma importação sempre crescente que em quantidade e qualidade se impôs aos gostos, como às necessidades nacionais. Fugir-nos-ia a colocação de produtos mas fugiu-nos também o seu fabrico e a sua preparação.

Problemas estes que de imediato nos conduzem ao estado da situação «industrial», a quando do Tratado de 1703 e às suas verdadeiras consequências. Sem entrarmos, mais uma vez nessa polémica (que até nos parece já desnecessária) caberia perguntar, mais uma vez – e sem se tomar em consideração dados factuais e testemunhais dificilmente ultrapassáveis – se essa produção industrial interna, por brilhante que fosse restaria incólume perante tão poderosos conditionalismos e face a tão poderosíssimo concorrente – como era sem dúvida já a Inglaterra nessa altura e que sempre reforçaria ao longo de toda a restante Centúria. Afinal, vindo a criar-se e a consentir-se numa situação tão desequilibrada por privilégios e concessões que até alguns ingleses se não coibiram de qualificar de desmesuradas e muitas vezes injustas ¹¹.

Antes de 1703 tem de contemplar-se a existência de uma produção interna espalhada por todo o País e até a força de produção a que a política de Ericeira havia dado azo em alguns sectores através da concentração de manufacturas importantes em alguns locais prometendo dias novos e renovadas para essa produção nacional interna. Isso era já tão visível pelos finais do Século XVII que semelhante situação havia logo criado alguns engulhos aos ingleses – mesmo num período de notório abatimento em que veio a encontrar o sector após o afastamento de Ericeira. O próprio conciso fraseado do Tratado denuncia abertamente o seu objectivo fundamental se não fosse possível recorrer a outras referências. Duvida-se seriamente que o aparelho produtivo interno por mais brilhante que fosse pudesse superar semelhante situação de desigualdade criada e fosse capaz de suportar tão poderosa situação de vantagem concedida à Inglaterra que já na altura era o que se poderia definir como autêntica «potência industrial». A partir daí, à supremacia comercial de que já gozavam, juntaram os ingleses a supremacia «industrial». Fabricariam, distribuiriam, conquistariam os mercados e os gostos. Nem sequer foi um português que disse, após a situação criada em 1703, «*alimentá-mo-los e vesti-mo-los*»...

Não se discutirá aqui também o mérito ou demérito, o sucesso ou insucesso da política industrial pombalina como também da sorte e vicissitudes operadas com o afastamento do seu grande impulsionador. Tão pouco a necessária correlação que será necessário estabelecer com o período da «Viradeira» e dos possíveis benefícios, surtos ou estrangulamentos operados nessa produção nacional com as novas condições políticas. Questões a perspectivar em quadros mais vastos e alargados atentos as situações criadas. Situação a equacionar ainda no contexto de uma situação externa, por ser este, precisamente um dos sectores mais expostos a essas influências¹².

Pensamos que não obstante as novas aquisições trazidas pelos estudos mais recentes ao esclarecimento destes problemas algo haverá ainda por revelar e aclarar. E a diversidade regional poderá vir a trazer mais algumas revelações equacionando-se, seu peso e real valor na geografia «industrial» portuguesa de Setecentos e Oitocentos.

Temos vindo a encarar os fins do Século XVIII – princípios do XIX como um período muito diversificado que quanto a nós não cabe – de modo nenhum – naquele tipo de explicações lineares e simplistas de «uma prosperidade generalizada» logo guilhotinada pelas Invasões Francesas...

As informações e dados que se vão apurando tanto de ordem numérica como qualitativa sugerem situações díspares de sector para sector e por vezes situações contraditórias dentro do mesmo sector de actividade.

A periodização impõe-se aqui como uma metodologia necessária no sentido de melhor se aclararem e definirem as situações e comportamentos dessa geografia económica e industrial e tanto a nível global como local. A arrumação geográfica será outro critério a tomar em conta no equacionar e ponderar do problema.

Creemos (e deixamos de lado outras realidades) que o sector «industrial» e mesteiral desse período (algo incerto e indefinido), exigirá mais estudo e ponderação, utilizando os dados numéricos e quantitativos de que seja possível dispor mas também as referências descritivas e «qualitativas» de que por vezes é também possível lançar mão.

É deste último teor a que hoje aqui trazemos e que nos dá azo a um comentário e apreciação às indústrias e manufacturas do Porto nos finais do Século XVIII.

Adiantamos desde já, porém, que alguns dos mapas estatísticos de que é possível dispor, a partir de então, enfermam de lacunas e omissões. Creio que são tão só uma amostra – e como tal devem ser tomados. Contemplam algumas terras mas deixam frequentemente outras no esquecimento. Raramente poderão ser tomados como relatórios exactos e definitivos. A investigação a partir de fontes locais é, pois, um complemento necessário.

Acúrsio das Neves deixa-nos a porta aberta para esse campo pouco conhecido ao indicar não só essa realidade (que sem dúvida bem conhecia), como para nós hoje a apontar uma direcção de pesquisa: Não se deve julgar por aqui (pela realidade lisboeta) toda a nação. É necessário visitar as cidades de segunda ordem e conhecer as províncias principalmente os distritos dos lanifícios¹³.

Os inquéritos e mapas centrais necessitam, pois, desse complemento que só pode alcançar-se pelo recurso a outras fontes. E algumas existem que urge conhecer. Diz a Junta do Comércio, em 1822, acerca desses Mapas estatísticos: «vão neles incluídas como fabricas muitas que não trabalham...mas serve isso tão só para mostrar a autorização que tem os agraciados para as poderem estabelecer quando o desejarem»¹⁴.

Como tal as entenderemos mas também não se dispensará nunca o seu conhecimento. Numa dessas Memórias (que em breve virá à luz) diz-se (em 1791) por exemplo, acerca do que se passa em Braga: «há muitos outros individuos q abuzivamente estão trabalhando nestas manufacturas» (galões de ouro e prata). Fora, por conseguinte, de todo o rastreio e controle.

Uma informação de 1777 ao fechar o «reinado» pombalino atribui à cidade do Porto umas vinte «fabricas» embora na «Lista das Fabricas» do mesmo ano só venham referidas dezoito. Em qualquer dos casos capitalizando, todas as manufacturas no Norte do País. (Além das do Porto apenas se refere mais uma «fabrica» em laboração e em actividade: «uma manufactura de louça em Viana do Castelo de João de Araújo Lima»). A esmagadora maioria ficava-se por Lisboa e mais algumas terras do Sul. (Diga-se desde já que se omite em ambas as efectivamente existentes em Braga).

Uma outra informação posterior referente ao ano de 1786 dá-nos, porém, uma imagem pouco diferente – salvo a proliferação das sedas, com a maior difusão das manufacturas dos galões de ouro e prata.

A avaliar por esta última referência a situação pouco se alterara – tanto no Porto como também em Braga. Todavia, em levantamento sistemático já por nós feito para Braga veio a revelar-se e a apurar-se para aqui uma situação completamente diferente: crescimento com instalação de novas unidades com algumas indústrias totalmente desconhecidas da tradição «industrial» bracarense¹⁵. O mesmo se parece ter passado com o Porto (cite-se em particular o da refinaria de açúcar).

O Porto por 1786 surge-nos como um centro mesteiral e manufactureiro importante centrado nos têxteis, sedas, algodões, lãs e, sobretudo, linhos. Com algumas inovações importantes na cordoaria, ocupando numa das manufacturas mais duzentos operários com gastos e consumos anuais de mais de oito mil quintais de linhos. Cita-se em particular a «fabrica de António Baptista de Sá e uma outra de Manuel Moutinho de Meneses com recentes melhorias técnicas introduzidas e donde têm saído – se refere – muitos aprendizes para as «fabricas»

da Corte. (Acréscenta-se uma manufactura de tabaco, quatro fábricas de louça grossa e fina), apontando-se para os arredores «fábricas» de vidro, papel, curtumes e chapéus etc. ¹⁶.

O texto que aqui trazemos não se encontra, infelizmente, datado nem assinado. Reportar-se-á – salvo mais exacta precisão que se possa vir a apurar – a alturas de 1790 (ou será que se trata do mapa a que se faz referência para as fábricas existentes no Porto em 1794?). Na verdade, numa exposição desse ano se diz que há «um Mappa geral das Fabricas da Cidade do Porto» que foi remetido a Lisboa pelo Desembargador Francisco de Almada e Mendonça». Se se tratar efectivamente desse mapa ele é posterior a 1784 – dado que Francisco de Almada e Mendonça é empossado no cargo de Corregedor – precisamente nesse ano – e mais provavelmente coincidente com a «sua» entrada no cargo de Superintendente dos Tabacos e Saboarias em 1794 ¹⁷.

Este Mapa, porém, é mais que isso: é uma verdadeira Memória descritiva do estado das indústrias e manufacturas do Porto. Em qualquer das duas hipóteses coincidirá, com um possível momento menos bom para as manufacturas e a produção nacionais. Segundo Acúrsio das Neves até 1788 as fabricas deram lucro. Depois da criação da Real Junta do Comércio Fabricas e Navegação – não está tão clara a matéria... mas ainda que se não possa tirar saldo há dados que deixam pouca dúvida». Prosperam? Não darem perda já é prosperar... Um outro testemunho, pouco posterior (1794 - 1795) informa-nos da mesma realidade (nada consentânea com as ditas situações de prosperidade): «As fábricas já muito adacentadas (ao tempo de Pombal) com grande custo vão a cair de todo porque nem o governo as sabe sustentar, nem ha confiança no governo que anime os particulares a encarregarem-se delles». «A indústria e o trabalho se vão extinguindo» ¹⁸.

Segundo esta Memória sobre o estado das indústrias no Porto, o têxtil aparece-nos em muito boa situação se não mesmo em estado próspero com dois sectores bem diferenciados: as sedas em lugar de destaque. Depois as lãs.

O grande criador desta indústria das sedas no Porto foi o comerciante de grosso trato Brás de Abreu Guimarães de cuja manufactura surgiram posteriormente todas as mais existentes. Aqui se fabricam «sedas ouro e prata, Matizes, veludos, e toda a sorte de sedas ricas ... com perfeição que excede as de todas as fabricas estrangeiras». Tudo acabados de luxo: «so se não fabricam sedas baratas».

O sector das sedas apresenta-se numa situação francamente próspera ainda que se lhe apontem algumas debilidades estruturais: fabrico geralmente caro o que – a não haver protecção se poderá perder rapidamente sufocada pela produção e importação estrangeiras.

As sedas para mulheres (gorgorão para mantas e saias) está, por isso, já algo decadente pela preferência que mais correntemente vão dando aos crepes de França, a que acresce o não aproveitamento dos desperdícios da seda que por falta de conhecimento e aperfeiçoamento técnico se tem inutilizado. Recentemente, porém, está-se diligenciando no seu aproveitamento pelos mesmos sistemas que se usam em França, Inglaterra e Itália.

Curioso e importante é o documentar-se neste sector o largo recurso ao *domestic system*, sobretudo no ramo dos retrozes. Produção «disperça em varias cazas de particulares gente pobre e he das mais bem estabelecidas que ha nesta Cid., e dela rezulta m.to grande utilidade a pobreza e aos negociantes». Este

trabalho oficial e doméstico igualará mesmo o valor do pano de linho produzido em idêntico sistema – que como veremos – é o mais importante e extenso e o que mais comércio movimentava.

No fabrico de «meyas de Seda, calsoens Luvas Manguitos, Barretes e outras fazendas deste genero» aponta a fábrica estabelecida por Dâmaso António Ribeiro Pereira, mas que, para bem prosperar, terá que ser protegida.

Neste primeiro sector – «galões de ouro e prata, matizes veludos e toda a sorte de sedas ricas, fitas de todas as qualidades lavradas e lizas – e de qualidade» – calcula esta Memória existirem na cidade e seus contornos uns quinhentos e vinte teares de fita e uns cento e sessenta teares de Largo.

Acrescente-se desde já que uma outra Memória que penso coetânea ou pouco posterior é muito mais explícita e nomeia todos os fabricantes de «Estreito» na cidade: uns dezassete «oficiais» com uma produção no sector de mais de 42.000 varas «de ouro e prata falsos» e mais umas 34.000 «de ouro e prata finas», fazendo séria concorrência aos da Capital. Além destes, mais uns sete «Mestres Passamaneiros» que fabricam galões finos e cuja produção se não especifica. Anota este memorialista a grande capacidade de produção destas «oficinas» e o grande mal que podem causar às «fabricas reaes se não se lhes proibir o fabrico no ouro e prata falsos».

O sector das lãs apresenta-se bem diferente. Não é uma situação nada próspera. A causa do fraco estado e pouco aumento destas manufacturas das lãs é o escasso favor que os mercadores lhes dão; deficiente tratamento das lãs nas lavagens e nos tintos. Aponta tão só uma «Fabrica de Baetoens» onde se poderia laborar muito mais se houvesse apoio e maior recurso a novas técnicas de «melhor perfeição na Lavagem e tintura dos tesidos».

Faz excepção uma boa manufactura que existe em Lordelo produzindo baetas e panos como os de Inglaterra. Está bem administrada mas precisa de protecção dada a aversão que os mercadores têm às fazendas do reino. Esta manufactura de Lordelo dispõe de todas as oficinas necessárias, de muitos aprendizes e de bons mestres nacionais que têm mesmo dispensado os estrangeiros que aqui havia indo os seus aprendizes em aumento.

O sector do algodão é outro que não está bem. Sente dificuldades atribuindo-se a culpa à má administração e aos próprios «erectores» não obstante a protecção de que dispuseram por parte do Ministério de sua Majestade. A sua decadência deve-se ainda ao facto da pouca saída dos seus panos e acabados, dado o grande favor que é dado aos que se estão introduzindo de fora.

Diz-se todavia, que passou há pouco de manufactura que era a «fabrica modernam.te erecta» (modernamente estabelecida – fazendo, pelo certo, recurso a novos sistemas técnicos que o *modernamente* poderá querer referir e sublinhar). Era uma manufactura de algodão com grande quantidade de fiações «tão finas como o mais fino fustão» mas que hoje (1790?) se diz encontrar já fora de laboração.

Persiste, porém – extinta a anterior – uma outra recentemente criada de lenços e de linha pintados e chitas de várias cores mas precisando também de melhor administração e da necessária protecção que a ponha a coberto da concorrência estrangeira.

Refere-se, depois o importante sector dos linhos trazendo informes de anotar. A maior produção têxtil verifica-se aqui nos linhos Não existe, porém, implantada nenhuma manufactura mas sim em muitos teares dispersos onde se

fabricam alguns riscados com mistura de seda (por conseguinte no mesmo processo do *domestic system* acompanhando e misturando-se com estas).

A preparação de panos de linho não se faz, pois, em manufacturas ou fábricas implantados de Cidade mas encontra-se dispersa por todo o seu Termo até quatro léguas em redor para a parte do Minho (isto é, apontando seguramente para o eixo de Braga – Guimarães e Vale do Ave).

É uma indústria que se encontra totalmente dispersa e na mão das mulheres do campo que totalmente preparam os linhos (salvo a sementeira em que se empregam os homens). Trazem depois esses fiados às feiras do Porto e com essa actividade (que alimenta activa exportação) fazem o melhor sustentáculo da sua economia familiar.

Fabricam-se esses panos com linhos e estopa. Este fabrico estende-se profusamente por toda a Província do Minho e é ele que alimenta a mais abundante e mais activa exportação de nossos tecidos que se faz para as Américas carregando-se na sua esmagadora maioria nesta cidade do Porto.

Os acabados mais importantes consistem em lenços, riscadinhos, baetilhas, treu, toucas, toalhas e guardanapos (ainda que nas toalhas e guardanapos a mais importante produção se faça já em Guimarães que, daqui, vêm ao Porto).

De certo modo ligado ainda ao têxtil do linho existe na Cidade uma Cordoaria em grande manufactura onde se fabrica grande quantidade de cabos, amarras, «viradouros», fio de nela, cabos de massa e «calabruiliados» para a marinha e navegação, cordas de esparto e de linho que em grande quantidade se exportam também para todo o reino e para as Américas.

Esta manufactura é importante mas parece, à altura, experimentar algumas dificuldades pois se pede ou recomenda para ela também urgente protecção régia que a ponha a coberto da grande concorrência que existe com a muita importação de cabos que vêm de fora e ainda promovendo-se e incentivando-se, sobretudo, a cultura do linho-cânhamo que, infelizmente, se não tem feito.

Nos restantes sectores a situação parece manter-se: unidades em funcionamento com dificuldades manifestas advindas sobretudo da grande concorrência – caso em que «serião estes artifices mais felices do que o São». É isso que acontece no sector dos metais finos. Aponta, porém, boa e excelente produção no fio de ouro e prata e palhetas lisas e lavradas para galões e franjas e para «toda a obra de sirgaria de luxo, com lustro e sem ele, canotillio, lentejoulas e troçal».

Aponta aqui a existência de uma «fabrica Moderina» na cidade que neste sector trabalha com muita perfeição. Todavia, em duas outras que também laboram as coisas já não vão tão bem: duas fábricas de botões de metal de prata e dourados que também fabricam com perfeição mas fazem igualmente progressos difíceis por causa da aversão que os «logeiros tem as fazendas do Reino».

Assinala também duas fábricas de «Botoens de metal prata e dourados» onde se labora com toda a perfeição. Para este sector regista esta Memória a existência de uma outra «fabrica» de palhetas de todas as cores para cravadores de pedras agora na mão de um estrangeiro – o alemão Augusto Thime – que para si obteve privilégio de fabrico exclusivo e que tem vindo a asfixiar os outros bons officiais que existem no sector. Segundo observa, esta «indústria» virá a perder-se se não se extinguir tão abusivo privilégio que dele vem usando desde 1766.

Outros sectores industriais encontram-se porém, em situação bem diferente. É o caso das ferragens.

Uma decadência acentuada que atinge a boa produção que havia no sector das ferragens e armaria: Umhas quarenta oficinas de Mestres serralheiros onde se trabalha com pouca perfeição, pela grande introdução de obra estrangeira. Decadência mais notória ainda na armaria (espingardas, cutelaria, e espadas – onde se trabalha pelo geral mal, como na latoaria e pichelaria onde se trabalha «com muita pouca perfeição»

A entrada das ferragens e artefactos vindos do exterior sobretudo de Alemanha são a principal causa das dificuldades. Só na ferraria grossa a situação se pode considerar lisonjeira. Há bastantes «logeas» em laboração: uns cento e vinte e oito mestres com suas oficinas completas fazendo grande exportação para o País e Américas. Ferreiros de obra grossa e agricultura, pregos e ferragens. É um sector próspero onde se obra bem. Registe-se, porém, a inexistência de qualquer manufactura em grande destes artefactos. Mesmo assim se recomenda para este sector de obra grossa a necessária protecção alfandegária dada a grande quantidade de pregaria que vem do exterior.

De curtumes estão estabelecidas na cidade cinco fabricas regulares de preparação de couros e atanados que estão a laborar bem e exportam os seus acabados para o reino e partes do Levante (refere na ocorrência uma outra manufactura destas em Viana do Lima e várias em Guimarães). Mas a observação final não as mostra fora de dificuldades: estão estacionárias: «não se tem aumentado porque os seus donos estão descapitalizados».

Na cerâmica existe a «Fabrica Regular» de Massarelos. Bem administrada, com um bom funcionamento e boa execução ainda que a qualidade dos barros não seja a melhor. Exporta para o Reino e para as Américas.

Nesta altura se refere estar-se diligenciar a implantação de uma outra manufactura de cerâmica mas logo anota os obstáculos que têm surgido à sua criação. Tudo para além de «obra grossa» que se fabrica em abundância: telha, tijolo, alcatruzes etc.

Sem se referirem problemas surge-nos uma refinaria de açúcar (que exporta o refinado para o País e para as Américas); três fábricas de Cal e uma fábrica de Grude «novamente estabelecida na cidade» e cuja produção satisfaz toda a procura. Mas diz-se pobre o seu mestre fabricante e não poder aumentar a sua manufactura. Regista ainda uma fabrica de cordas de viola também «novamente estabelecida» mas a sua produção e qualidade é inferior o que atribui à má qualidade das tripas). Refere também o sector das ceras. Existem manufacturas onde se trabalha bem. (Uma delas será, seguramente, a fábrica «de nova invenção» do italiano António Sataro).

Finalmente o sector do trabalho em madeira parece próspero: muitos e bons marceneiros, torneiros e entalhadores que preparam toda a espécie de mobílias. Situação desafogada que atribui à proibição que há de entrada de mobílias de fora.

A situação parece igualmente boa no sector da construção naval. Bom momento e boa situação também para a tanoaria que supre o grande consumo que se faz na cidade e que se executa em abundância e grande perfeição. Todavia, regista-se, com desagrado, a grande importação de aduela que vem ainda de Amburgo à Cidade do Porto.

Sobre as demais actividades «mesterais» e «industriais» pronuncia-se na globalidade lamentando, no geral, a rusticidade dos produtos desta indústria «por falta das necessárias providencias» e o desinteresse das pessoas nobres pelas Artes e pelos Ofícios. Salienta porém, a perfeição das artes de sirgaria, de ourivesaria e lapidação, a perícia dos «torcedores de retroz», os tintureiros das sedas e bordadores. Por último o excelente trabalho dos couros que executam os correiros. Os marceneiros (que como sabemos tão belos trabalhos deixaram nas talhas do Porto setecentista) são igualmente elogiados¹⁹.

Até certa medida um certo contra-ponto à imagem mais idílica que Rebelo da Costa nos deu na sua *Descrição* e, sobretudo, o apontar do dedo a alguns entraves estruturais e a deficiências as quais, conjuntamente, virão a contribuir para um próximo colapso do qual não podem ser apenas responsabilizadas as Invasões Francesas pelas inegáveis destruições e abandonos que realmente provocariam (fuga de mão-de-obra, baixos salários, peias corporativas que continuam empecilhando a livre produção; concorrência estrangeira, contrabandos, falta de matéria-prima – sobretudo sedas e linhos que tem que se importar em quantidade do Norte, a pouca extracção dos produtos, etc).

Não restam dúvidas, porém, que estão aqui lançadas as raízes principais que passadas as dificuldades momentâneas, irão dar às principais linhas de força que começarão a desabrochar depois de 1814-1815 retomando tradições anteriores, dando prosseguimento a algumas inovações, entretanto introduzidas e, finalmente, vindo a permitir a instalação de novas manufacturas e fábricas que virão a dar ao Porto uma posição de relevo na nossa primeira indústria oitocentista²⁰.

NOTAS

1. *Vinhos de Cima-Douro na primeira metade do século XVII. A primeira grande Questão vinícola do Douro* – Apresentado no Colóquio de Vila Nova de Gaia em 1983. (Actas publicadas em Rev., Gaia, 1984 – Vol. II, pp. 211-230). Novamente em *Douro País Vinhateiro. Da produção ao comércio algumas considerações*, Colóquio do Porto em 1987. (Publicação em «Rev. de História da Faculdade de Letras do Porto» – Vol. XII, Porto, 1993 (ver nota 44*), p. 235). Por último: *Vinhos no Porto. Política e Administração Municipais – 1600-1700*. In «Douro Estudos e Documentos», Porto 1997. Fomos, de facto os primeiros a revelar e a chamar a atenção para isso. Porque ainda muito recentemente (em referências de síntese) se esquece ou olvida o facto aqui fica esta nota – quase a despropósito – , só para os mais esquecidos ou distraídos...
2. Aspectos que, de facto, não têm sido versados e contemplados.
3. Mesmo em obras recentes a actividade mestreira e industrial do Porto quase que nem sequer é referida. Por falta de estudos, naturalmente. Mas deve frisar-se que foi uma actividade importante atento até o valer com que entrava nas exportações do Porto pelos finais do século e princípios de oitocentos. Não se compreenderá o que aqui se passa a partir de 1826 (o que também não é praticamente referido)sem o conhecimento desta situação anterior.
4. Para o quadro agrícola ver Aurélio de Oliveira, *A Abadia de Tibães 1630-1813. Propriedade, exploração e produção agrícolas no Vale do Cávado durante o Antigo Regime* – Porto, 1979 – Vol. II. Outros aspectos: *Mapa Histórico e Político do Reyno de Portugal* – Porto, 1974.

5. Pois das cento e sessenta e cinco fábricas assinaladas só duas se declaram decadentes. Das vinte e oito ferrarias e serralharias existentes em 1830 nas margens do Douro vinte e sete eram de fundação recente, posteriores a 1820. Por 1830 a sua população fabril orgaria os dois mil indivíduos (SERRÃO, Joel – *Temas Oitocentistas* – Liv. Horizonte – Lisboa, 1980, pp. 86 e segs.
6. MARTINS, Oliveira – *Política e Economia Nacional* – «Obras Completas», Guimaráes Ed. – Lisboa, 1954, p. 111.
7. Tencionamos ir tratando pontualmente alguns aspectos à semelhança do que vimos fazendo para Braga (*Braga. Dos Mesteres às Indústrias 1600-1820*. Com vários sectores pontualmente já abordados).
8. BULHÕES, Miguel de – *A Fazenda Pública de Portugal* – Lisboa, 1884, pp. 59-60.
NEVES, Acúrsio das – *Variiedades sobre os aspectos relativos às Artes* – «Obras Completas» Porto (s/), T. I-II, pp. 492 e segs.
9. É um dos aspectos mais salientados por todos os forasteiros que percorreram o País pelos fins do Século XVIII princípios do XIX.
10. ALMEIDA, Fortunato de – *Subsídios para a História Económica de Portugal* – Coimbra, 1920.
Também – *Condições naturais e políticas das indústrias* – Coimbra, 1910.
11. WALTON, William – *Carta Primeira e Carta Segunda dirigida ao Conde Grey* – Lisboa, 1832.
12. NEVES, Acúrsio das – *ob. cit.*, pp. 496 e segs..
13. *Idem*, p. 492.
14. CARVALHO DIAS, Luís Fernando de – *História dos lanificios. 1750-1834* – Lisboa, 1958-65, III, p. 823.
15. OLIVEIRA, Aurélio de – *Braga. Dos Mesteres à Industria. 1600-1820* – («Bracara Augusta», Anos de 1987 a 1998). Para o Porto existiu uma colecção documental onde se registaram todos os pedidos (de Mesteres e Manufacturas) que infelizmente ainda não podemos localizar para além da notícia da sua existência em tempos não muito longínquos.
16. COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto* – Porto, 1945, 2.ª ed., pp. 271 e segs.
17. ALVES, Joaquim Jaime Ferreira – *O Porto na Época dos Almadás* – Porto, 1988 – Vol. I, pp. 43-48.
18. NEVES, Acúrsio das – *ob. cit.*, pp. 485-87; 492. Tomando como referência desse surto o saldo positivo das nossas transacções comerciais com o exterior e os valores (poder-se-ia questionar que valores, se reais se nominais...) das manufacturas exportadas para as Colónias em especial o Brasil o autor não deixa de sublinhar o advento da nossa desgraça em 1807... Para a cita subsequente: *B.P.M. do Porto. Ms. 295 fls. n/n.*
19. *Apêndice Documental.*
20. Continuaremos, em breve, a referir-nos aos Mesteres e às «Indústrias» do Porto nos finais do Antigo Regime

APÊNDICE DOCUMENTAL

«FABRICAS QUE PREZENTEMENT EZISTEM
NESTA CIDADE DO PORTO»

Fabricas que presentemte ezistem nesta Cidade do Porto, modernamente estabalesidas a custa de varios particulares, progresos de huas e decadencia de outras; causas de que se tem originado a sua pouca estabelidade, e aumento nas que se tem estabelecido.

Sedas

Fabricase sedas de Ouro, e prata Matizes, Veludos etoda a sorte de Sedas ricas manufacturadas com a mayor perfeição que exede às de todas as Fabricas estrangeiras não só em qualid.e mas em agrado. fitas de todas as qualidades Lavradas e Lizas, so se não fabricão sedas baratas, nem tafetazes nem damascos Lizos, não obstante que nas mesmas Sedas de Ouro, e prata se fazem os assentos dellas adamacados.

O prim.ro Instituidor, foi Bras de Abreu Gui.es homem de Negocio que foi nesta Cid. e, della na serão todas as mais que hoje existem nesta Cidade e seus contornos, no N° de 520 tiars de fitas, e 160 tiars de Largo: a cauza da sua existencia e extenção nasse dozelo e atevid. e comque este bom patriota se empinhou na sua erecção e da prohibição das Sedas de fora, porem senão se fabricarem sedas baratas para o culto devino, e para o luxo, vira por tempo a introduzirse mayor numero dellas de fora do Reino por contrabando, se ouver Laxidão no Magisterio, e senão ouver alguns bons patriotas que seinteressem ainstruir os gricultores na perfeita separação cultura, e fiação das Sedas.

Retrozes, he m.to emportante esta fabrica e quazi igualha no valor a do pano de Linho, nella se ocupa gente nobre não so em Manufacturar mas em otroser nos diferentes tornos que ha nesta Cid.e com hua exacta perfeição.

Não fas vulto esta emportante fabrica por estar disperça em varias cazas de particulares gente po bre e he das mais bem estabalecidas que ha nesta Cide, e della rezulta mto grande utilidade apobreza e aos Negociantes.

Meyas de Seda, calsoens Luvras Manguitos, Barretes e outras fazendas deste genero.

Ha hua fabrica novam.te estabalecida por Damazo Antonio Rib.ro P.ra que vira a serm. to util ao publico se for protegida e se seu erector se conduzir com a prudencia que pede este importante, e util estabalecimento.

Sedas de gorgorão para Mantas e Sayas esta fabrica he antiga nesta Cid.e e havia nella hum grande Numaro de tiars, e hoje se acha decadente, e quaze extinta porque apenas se fabricão alguas pocas pessas que se carregão para as Americas.

A cauza da sua decadencia nasse da pouca extração pello uzo ou abuzo que as Mulheres fazem das Mantilhas de Crepe de França, por lhe serem mais comodas para a sua Liberdade, não só em prejuizo desta emportante fabrica mas dos bons costumes com que a Nação Portugueza se distinguia antigam.te do adorno do sexo femenino.

Anafayas ou desperdisos da sda que normal m.te deitão fora por não saber fazer uzo delles para se porem em fio e tesido, com que se pode tapar muitas qualidades de Seda.

Ha quem esta dando principio a cardar estes desperdiços, como se uza em França, Italia, e Inglaterra, aonde conhecem millhor do que nós os seus interesses e aonde as academias dos coriozos, e homens animados do zello patrio, animão com as suas instruçoens e premios à pobreza que se imprega no a proveitam.to de hua couza que sendo importante emsi mesmo nós deixamos perder por ignorancia.

Lans

Ha hua Fabrica de Baetoens, em q se fabricão bastantes pessas e muitas mais se poderião fabricar se o dono della tivese companhro com as qualidades nessarias, que contribuisssem no seu augmento e se procurassem amelhior pefeição na Lavage das Lans e tintura dos tesidos.

O pouco augmento desta manufactura nasse da pouca extração originada da sua mediana qualidade, e da pouca inclinação que os Mercadores tem de os comprar.

Ha Outra Fabrica de panos regular em Lordelo, aonde se fabricão pannos como os de Inglaterra, como tambem alguas Baetas mas poucas e tem hum tinto completo para dar todas as cores em Lan, tem todas as Ofecinas nesararias, com regoralid.de tem criado m. tos aprendizes e ja não carese de mestres estrangeiros nem atualmte os tem porque so trabalhão com os artifices q aprenderão na mesma Fabrica e procurão seus Erectores aumentar o Numaro de aprendizes.

He esta m.to util e vira ser emportante por ser bem admenistrada, e se neseçita de porteção superior que evite a Averção que os Mercadores tem às fazendas do Reyno.

Algodão

Ha alguns Teares disperços em que se fabricão varios riscados com mistura de seda, fustoens Lavrados e Lizos Esta Manufatura foi modernan. te erecta em fabrica regular na qual se fabricarão muitos e bons tesidos e criou grande quantidade de fiaçoens tao finas como o mais finno fustão e se acha hoje extinta totalm.te.

A cauza da sua instinção naseo da qualidade emã conducta dos Seus Erectores, porque tendo sido mto portegida pello Menisterio não souberão estes aproveitar-se das utilidades que podião rezultarlhe em hum tão util estabaleçim.to tambem contribuhio para a sua extinção a pouca extração dos Generos originada dos muitos que se introduzem de fora por contrabando.

Lenços de Algodão e de linha pintados de ambas as faças, chitas de varias cores.

Esta Fabrica esta nascente, e sera muito util se os Sosios se conduzirem com prudencia, e se tiver a nesaria porteição.

Linho

a Fabrica de pano de Linho, estopa e linha bem nomeada pello avultado cabedal que atraz de America e se espalha por toda a provincia: He esta a mais bem estabalesida e/a mais importante: com ella se fornese a mayor parte da carga dos Navios que vão deste Porto para as Americas, Fabricãose Lenços, Riscadilhos, Beatilhas, Freu, toucas, toalhas de meza goardanapos, mas estes em menor quantidade do que em Guim.es.

Esta Fabrica não he propriam.te desta Cid.e mas sim das suas sircunvizinhanças the 4 Legoas em redondo para a parte do Minho, e para o seu trabalho apenas se empregão os homens na sementeira cultura e colheita da erva, por q tudo o mais serviso he conduzido pellas Mulheres do Pais the venderem as tijas na feira desta Cid.e em cuja manufactura so se empregão nas oras vagas que lhe cresem daconducta economia das Suas Cazas e familias.

Cordagem ha nesta Cid.e a grande fabrica da cordoaria onde se fabrica toda a qualid.de de Cabos Amaras, Viradores, fio de Nella, cabos de massa, e calabuliados pa a Marinha, e Nav.am, cordas de esparto e de linho brancas em grande quantid.de para o consumo de todo o Reino e para America.

He esta Fabrica m.to emportante e podia fornecer as cordagens para toda a Marinha do Reino se fose asestida com proteção Regia, prohibindose os Cabos de fora edando-se pro bidença para a cultura do Linho Canimo em que podião abundar m.tas provincias aonde crese natural.te sem cultura.

Metais

Ha Lavrantes do Ouro e prata Lapida rios de pedras preciosas, cravadores Dou-
radores, e todos obrão com perfeição e ha Artifices em m.ta abundancia.

*Se se ivitase a introdução demtas obras de pedras falças que Vem
de fora como foi ordenado na utilisima Prematica de 49, serião
estes artifices mais felizes do que São.*

Fio de Ouro e prata, palhetas lizas e lavradas para fazer galoens e franjas emais
obras de Cergaria fieira, Ouro crespo, com lustro e sem elle, e de todos os feitos,
Canotilho, Lentejolas, troçal tudo necessário para o culto devino e p^a o luxo.

Esta Fabrica he moderna nesta Cide e trabalha com muita perfeição.

Caldeireiros, Latoeiros pixeleiros são officios que trabalhão com pouca perfeição.

Ferreiros de obra groça e de Agricultura prego e ferrages para Construção de
Navios, etodos obrão bem.

*Ha 128 Mestres com os Seus respectivos officiais he officio não so
porque delle depende a Agricultura, mas pelo avultado Cabedal
que atrae da America, e he lamentavel a falta que tem de
Protecção dandose despacho nas Alfandegas a imença pregadura
eferrage dos Paizes Estrangeiros, com gravissimo prejuizo destes
uteis membros da republica.*

Saralheiros trabalhão com mui.ta pouca perfeição.

*Ha 40 Mestres com os Seus respectivos officiaes e achãose no mesmo
dezamparo em que se achão os ferreiros de obra groça.*

Espingardeiros ha muitos poucos, e destes ha menos que ezequem bem a sua
Arte e so fazem fezos p^a Armas por não terem mais em que trabalhar.

*Este Officio está decadente, e sendo m.to nesario para a defeza
do Reyno, se acha sem protecção e quaze extinto não so nesta
Cid.e mas em Braga aonde â muito poucos annos era muito
florecente, e ali se trabalhava com amayor pefeição antes de
virem de Alemanha os Canos de Espingarda aque se da entrada e
Despacho nas Alfandegas.*

Cutileiros e Espadeiros ha mtos poucos, e executam mal.

*Havia algum dia muitos ebons Officiaes principiou a sua decadencia,
desde o mesmo tempo e pellas mesmas cauças depois que entrarão
a vir de Alemanha as folhas de facas de Matto e floretes.*

Botoens ha nesta Cid.e duas fabricas de botoens de metal, prata e dourados, fabricados com perfeição.

Estas Fabricas são modernas, e fazem pouco progreço por cauza da entrada por contrabando dos botoens de fora epela averção que os Logeiros tem às fazendas do Reyno.

Folhetas de todas as cores para cravadores de pedras, ha qm as faça com toda a perfeição mas não se ezejuta por ser privilegio excluzivo concedido a T... Time da Nação Alaman, para elle e seus Sucessores, o qual tinha feito termo na Camara desta Cid.e p^a ensinar 5 Aprendizizes não so lhe não deu comprim to mas procura extinguir aos prim.ros que tomou para parecer que deu Satisfação ao Termo e se Serviu delles como criados e não como aprendizes, sem lhes ensinar o Officio como hera obrigado.

Deste privilegio ha de rezultar perderse este Officio de que ha de aproveitarse outra Nação que melhor conhece os Seus Interezes e para donde pertende hir estabelecerse este Artifice, tirar o fruto da sua industria.

Courama e Cortumes

Ha nesta Cidade 5 Fabricas Regulares de Atanados que tem tido bom Sucesso pella boa extração não so para o conçumo do Reyno mas pellos que secarregão p^a as terras de Levante.

Ha outra em Vianna tambem de Atanados e Bezeros e Cordavoens, epella sua boa qualid. de tem mta extração.

Ha Varios curtumes na fig^a de S. Torquato de Bezerras solla Branca, Couros de Vaca e Carneiras q tem mto conçumo. Estes curtumes são mais antigos, e não se tem aumentado por q seus donnos são pouco abund.tes de dinh.ro.

Devesse aos Negoçiantes Seus Erectores a utilidade que rezulta à Republica da criação destas Fabricas.

Louça de Barro

Fabricasse Louça para Meza em hua fabrica Regular em Massarellos a sua obra he m.to bem executada mas a qualidade do barro não he da melhor, e tem bom conçumo para o Reyno ep^a a America. Ha outra fabrica de Louça em Aveiro não he tambem obrada, pela ma conduta de Seus Erectores.

Esta Fabrica tem feito progreço por ser unica a ser bem Adminis-trada eter adquirido protecção do Governador desta Cid.e aquem se deve este estabelecimento.

Temse diligenciado outra fabrica nesta Cid.e e se continua na mesma diligência.

Não se acha ja erecta por obstaculos com q alguns e muitos procurão desvanecer aos Interessados a sua erecção.

Fabricase Louça groça Telha Tijollo Alcatruzes e outras obras desta especie em m.ta abundancia.

Obras de pau

Merceneiros, Torneiros, Entalhadores Escultores, ha muitos e bons Artifeces que executão com perfeição e adiantamento.

A cauza dos Seus progreços he a prohibição da entrada das Mobílias de fora do Reyno.

Arte de Construcção de Navios

em parte se executa com melhor perfeição e se fabricão mtas e boas embarcaçoens, de que rezulta avultado beneficio não so aos Senhores de terras, pelos custos das Madeiras, mas a todos Officiaes de quem depende esta utilissima arte.

A pouca Cautella que ha emplantar Arvores na falta das que se cortão, vira em breve tempo a ocasionar decadência nesta Arte.

Tarnoaria he muito numeroza e se executa com muita perfeição melhor que em parte nenhuma.

Da protecção das Vinhas do Douro he que depende este Officio, e tambem por disgraca nossa depende dos Hamburguezes por respeito da Aduella podendo esta fazerse no Reino se ouvesse as providencias que faltão não so neste mas em outros muitos e importantes obgectos.

Ha Fabrica de refinação de Açucars que trabalha com perfeição.

Ha muita e boa Sera para o consumo do pays ep^a America.

Ha tres Fabricas de cal que trabalham com bom Sucesso e conçumo.

Os Officiaes de Cerigueiro, Currieiro, Merceneiros, Batefolhas Ourives, Lapidarios, Trocedores deretros, Tintureiros de Seda, Bordadores, são os que melhor executão as suas Artes. Os mais Officios necessarios de que ha abundancia nes Cid.e estão ainda muito rusticos por falta das necessarias providencias.

Se as pessoas nobres se intereçassem mais do que se interessão em ser uteis a patria procurarião o adiantamento das Artes então serião tanto a cargo à condição do povo, sobre quem carrega todo o pezo do Estado.

Colla ou Grude ha hua fabrica nesta Cid.e novam.te estabaleçida.

He muito util esta Fabrica, por evitar a entrada do Grude de Olanda, e para evitar a falta que se experimentou quando se concedeo hum Privilegio excluivo a hum de Lx^a por tempo de 10 annos, com o qual nada adiantou o dito Privilegiado, a sua Fabrica porque o seu fim pairesse so se dirigia a estancar o dito genero e vendelo pelo preço que quizesse como fes chegando a venderse nesta Cid.e a 400 r. cada arratel, e atualmente se vende aque aqui se fabrica a 100 r. so tem o inconveniente de ser pobre o fabricante e não poder fazer toda a abundancia necessaria.

Cordas de Viola ha hua fabrica nesta Cid.e novamente estabaleçida.

Fabricaonse nesta Cid.e como as de Lisboa mais parese que não se acha muito adiantado este obgeto, talvez porque a qualidade das tripas deque se fazem não ser mto boas.